

Movimentos milenaristas japoneses e o papel do
Brasil na construção do paraíso na Terra: a Igreja
Messiânica Mundial (Sekai Kyusei Kyo) *

Peter B. Clarke
Centre for New Religions
King's College, Londres

* Tradução: Maria Amélia Schmidt Dickie

I L H A

Resumo

Este artigo focaliza um tipo particular de milenarismo, o da nova religião japonesa Sekai Kyusei Kyo (Igreja Messiânica Mundial), no Brasil, onde é conhecida como Igreja Messiânica. A expressão simbólica de seu milenarismo é a construção de um modelo de paraíso em Guarapiranga, São Paulo. Este é o solo sagrado da Igreja para a América Latina. Ela tem planos de também construir uma cidade milenar no sul do Brasil, de acordo com as Leis da Natureza, que, acredita, atuará como um catalizador para a construção de cidades similares no Brasil e em outros lugares do mundo. A Igreja Messiânica está convencida de que, através de suas atividades no Brasil, a principal delas sendo o jobrei ou cura espiritual, este país fornecerá um modelo da sociedade perfeita que vive em harmonia com a Natureza, para o resto do mundo. Desta forma, tornar-se-á o instrumento da “salvação” global, o que contempla a construção de um Mundo-Sem-Doença. Este artigo faz um relato da filosofia e do conteúdo espiritual desta visão utópica, procurando entender a mente de seus criadores e agentes, e de como eles pretendem traduzir ideais em práticas, num contexto social que parece, para muitos, estar além da redenção.

Palavras-chaves

Igreja Messiânica Mundial no Brasil, milenarismo.

Abstract

This article focuses on a particular kind of millenarianism, that of the Japanese new religion, Sekai Kyusei Kyo (The Church of World Messianity), in Brazil where it is known as the Igreja Messianica. Messianica's millenarianism has been given symbolic expression in the construction of a model of paradise at Guarapiranga in the state of São Paulo. This is the Church's sacred ground or solo sagrado for Latin America. It also has plans to construct a millennial city in the south of Brazil in accordance with the Laws of Nature which it believes will act as a catalyst for the building of similar cities in Brazil and elsewhere. Messianica is persuaded that through its activities in Brazil, the principal one being that of jobrei or spiritual healing, that country will provide a model of the perfect society living in harmony with Nature for the rest of the world and in this way become the instrument of global 'salvation'. What is envisaged is the building of a World-Without-Sickness. This article provides an account of the philosophy and spiritual content of this utopian vision, seeks to understand the mind of its creators and agents, and how they intend to translate ideals into practice in a social context that to many appears to be beyond redemption.

Keywords

The Church of World Messianity in Brazil, millenarianism.

Movimentos milenaristas japoneses e o papel do Brasil na construção do paraíso na Terra: a Igreja Messiânica Mundial (Sekai Kyusei Kyo)

Peter B. Clarke

*H*á mais de trinta novas religiões japonesas no Brasil e muitas delas são enfaticamente milenaristas. Entre outros, Blacker, 1971; Yasumaru, 1977; Berton, 1985; Shimazono, 1986 e 1995, e Kisala, 1988, examinaram o tema milenarista destas novas religiões e, a partir destes autores, encontram-se evidências que possibilitam novas suposições acerca do processo histórico e acerca do tempo que são, em linhas gerais, similares àquelas encontradas nos movimentos milenaristas que derivam, diretamente, da tradição zoroástrica e, através dela, das tradições islâmica e judeo-cristã. Em termos sociológicos, estes movimentos podem ser descritos como milenaristas uma vez que compartilham as características gerais associadas a este tipo de resposta ao mundo, onde quer que ela se encontre. Cohn (1970: 13 e 1993) identificou as cinco características seguintes dos movimentos milenaristas: 1. a crença de que a felicidade do paraíso será vivenciada pelos fiéis como uma coletividade; 2. que o paraíso será terrestre, no sentido de que será realizado na Terra e não em algum outro mundo; 3. que ele é iminente e deve chegar logo e subitamente; 4. é total, pois a Terra não será somente mudada, mas completamente transformada; 5. que ele será produto de um milagre, pois deverá ser alcançado através de ou com a ajuda de agentes sobrenaturais. *Sekai Kyusei Kyo* (Igreja Messiânica Mundial, no Brasil Igreja Messiânica Mundial do Brasil, daqui para a frente referida como Igreja Messiânica), o foco deste artigo, possui estas cinco características, ainda que a maioria de seus membros – principalmente no Japão – não esteja hoje tão preocupada com as características 3 e 4, diferente do que era no início do movimento. Na história da Igreja Messiânica pode-se detectar uma transição, de uma resposta radicalmente milenarista ao mundo e, em especial, a questões como as formas de alcançar a salvação e destruir o mal em todas as suas modalidades, para uma resposta que se pode caracterizar como mais gradual e reformista (Wilson, 1970). A despeito disto, o compromisso com a construção do paraíso na Terra, como meio indispensável à plena auto-realização e à salvação do planeta, permanece como a metas prioritária do movimento.

A Igreja Messiânica e a construção do paraíso na Terra

Mokichi Okada (1882-1995), o fundador da Igreja Messiânica, considerava que certos princípios eram essenciais para a construção do paraíso na Terra: *johrei* e *shizen noho*, princípios desenvolvidos para promover a forma natural de curar e produzir alimentos, respectivamente. Através deles a Natureza, equiparável ao conceito durkheimniano de sagrado, pode usar suas fecundas e altamente produtivas propriedades de purificação, limpeza, cura e restauração da integridade dos indivíduos e do mundo natural. O conceito de *johrei* envolve a idéia de que a medicina alopática faz mal. Na filosofia de Okada, o mal, que posto na balança, supera o bem, está inextricavelmente ligado à doença, da seguinte forma: feitos maléficos criam nuvens espirituais que poluem a corrente sanguínea, levando à acumulação de substâncias tóxicas no corpo físico; estas, em contrapartida, se manifestam na doença e nos azares de vários tipos. Os atos maléficos realizados em vidas pregressas são especialmente difíceis de curar. Pela prática ritual do *johrei* faz-se uma transmissão de energia curativa e se chega à purificação e à cura.

De acordo com o princípio *shizen noho* todas as formas artificiais de produção de alimentos, particularmente as que usam fertilizantes químicos, são contrárias à Lei da Natureza. No estilo de um profeta milenarista, Okada advertiu que esta Verdade fundamental tinha sido esquecida e que o esquecimento tinha conseqüências potencialmente desastrosas para a civilização humana (Okada, 1980: 31-32). Como os profetas milenaristas em geral, Okada usou tons apocalípticos para falar de um longo e escuro período de sofrimento, simbolizado pela noite, em contraste com a Nova Era, simbolizada pelo dia, “um dia cheio de luz...”, e predisse que “viria um período de grande destruição seguido de reconstrução, tal como a humanidade jamais havia experimentado” (Okada, 1984: 401).

Por outro lado, Okada se dizia o recebedor da revelação divina sobre a vindoura Nova Era, que culminaria com o Paraíso na Terra. Os meios de construção de tal paraíso – essencialmente a canalização de *johrei* e a agricultura natural – foram, disse, reveladas a ele e somente a ele. Okada começou a realizar sua missão através da construção de modelos de paraíso na Terra. Três foram construídos no Japão, o primeiro na estação de águas termais de Hakone, perto do Monte Fuji, iniciada em 1944 e que é conhecida como *Solo Sagrado de Haroke – Terra Divina*. Outro foi iniciado em 1945, na estação de águas termais de Atami, na península de Izu, e foi denominado *Solo Sagrado de Quioto – Terra Celestial*. Um terceiro foi construído nos arredores de Quioto e foi chamado de *Solo Sagrado de Quioto – Terra da Tranqüilidade*.

Todos os três modelos de paraíso o expressam através da idéia de um mundo em que o mal, enraizado na mente, tenha sido eliminado. Okada acreditava que esta interpretação estava apoiada pelos ensinamentos dos grandes profetas. Ele também descreve o paraíso terrestre como “(...)um lugar onde todos os que tiverem alcançado o estado de genuína felicidade são unificados em um só mundo” (Okada: 243) e como “um mundo de pessoas feli-

zes, livres da pobreza, doença e conflito, como uma civilização evoluída no mais alto grau” (ibid: 241). Esta idéia de que a doença é a causa primária da pobreza, e que é causada por pensamentos errados (ibid: 242), reforça a colocação de Blacker a propósito do milenarismo Shinko Shukyo e das novas religiões:

(...) o Inimigo ou Tirano, cuja destruição é necessária antes que o milênio possa acontecer, não é nem uma odiada raça, nem uma classe específica. É, simplesmente e sem dramaticidade, “o pensar errado”. Para realizar o paraíso terrestre precisamos, simplesmente, “pensar certo” (...) (1971:598).

A caligrafia, a cerâmica, a horticultura, a pintura, a arte e as coisas belas em geral figuram, com proeminência, nos planos de Okada para salvar o mundo. O seu uso para este propósito distingue o que ele chamou “velhas religiões”, essencialmente o Budismo japonês, da “nova religião”. A principal fragilidade das primeiras era sua incapacidade de transmitir verdade e virtude através da beleza. Da mesma forma, ele distinguiu civilizações. “Velhas” civilizações eram aquelas sem uma alma, que tratavam só os sintomas das doenças, não se dando conta que tudo o que existe tem uma alma e que a verdadeira causa da doença se encontrava “do lado de dentro” (Okada, 1984: 254) Ao argumentar sobre o propósito das novas formas paisagísticas usadas no jardim do seu modelo de paraíso em Hakone, Okada reforçou que seu objetivo primeiro era estimular em todos aqueles que o vissem o inato senso de beleza que todos os seres humanos possuem. O efeito seria o de desenvolver o caráter e principalmente o corpo espiritual, dissipando as nuvens espirituais.

O Brasil como conversor catalítico

O milenarismo da Igreja Messiânica no Japão, como vimos, recebeu expressão concreta na construção de modelos de paraíso terrestre em Hakone, Atami e Kyoto e este mesmo caminho foi seguido no Brasil, onde o movimento construiu seu *Solo Sagrado para a América Latina* em Guarapiranga, Estado de São Paulo. O movimento também pretende construir uma *Cidade da Nova Era*, provavelmente no Sul do País, que acredita será a “Arca de Noé” do século XXI¹. O propósito último, tanto do *Solo Sagrado* como da *Cidade da Nova Era* é sentar as bases de uma Nova Era, uma nova civilização global.

Este propósito representa uma mudança profunda no pensamento missionário e na estratégia da Igreja Messiânica no Brasil. Sendo agora a segunda maior nova religião japonesa no Brasil – a maior sendo *Seicho no Ié* (Casa do Crescimento) –, a Igreja Messiânica se concentrou, no início, entre os imigrantes japoneses do País. A imigração japonesa para o Brasil começou em 1908 (Suzuki, 1969) e hoje se estima que os descendentes totalizem 1.300.000 pessoas, a maioria das quais vive na região da Grande São Paulo. No início eram principalmente agricultores que viviam uma vida isolada, modelada pela vida rural japonesa (Handa, 1980). Sofreram uma dramática mudança sócio-econômica depois da II Guerra Mundial, quando muitos *issei*, ou imigrantes de primeira geração, também se resignaram a permanecer no Brasil.

Esta decisão de ficar no Brasil foi acompanhada do desenvolvimento de

uma vida religiosa mais formal entre os japoneses. Os ritos dos ancestrais e os ritos funerários, em especial, se tornaram necessários, porque agora queriam seus ossos enterrados na terra de seus filhos. (Smith, 1978: 59). Também era preciso ter especialistas rituais apropriadamente treinados. Antes disto, os rituais importantes eram realizados por seus familiares no Japão para onde, acreditavam, seus espíritos retornariam depois da morte – a morte no Brasil era chamada de “a morte do visitante” ou “a morte alheia” - pouca atenção era dada para a qualidade do especialista ritual ou para objetos sagrados tais como as tábulas ancestrais que eram depositadas no quarto de dormir do chefe da casa, onde ficavam acumulando poeira. No período pré-1950, aqueles que executavam os poucos rituais e cerimônias não tinham mais do que o conhecimento básico dos sutras e ritos relevantes e eram conhecidos como “bozu feito na hora” (bozu = monge). Agora que os espíritos dos que partiam “permaneceriam” no Brasil, havia um forte sentimento, entre os da primeira e segunda geração de japoneses e japoneses-brasileiros em especial, de que seriam necessários melhoramentos, tanto na qualidade do treinamento dos especialistas rituais como na própria execução dos ritos, e isto levou a um aumento do número de monges vindos do Japão e do número de pregadores das novas religiões japonesas. Pelos anos 50, quando as novas religiões começaram a propagar seus ensinamentos entre os japoneses e seus descendentes, parte substancial de niseis e sanseis tinham se tornado católicos e falavam, principalmente, o português, com um pouco de japonês “prático”. No entanto, a língua usada pelos novos pregadores era o japonês. Isto deu margem a sérios problemas de comunicação. O crescimento de casamentos de niseis e sanseis com não japoneses convenceu as novas religiões, inclusive a Igreja Messiânica, de que, se elas almejavam um futuro, mesmo que só no interior da comunidade japonesa do Brasil, seria necessário adaptar seus ensinamentos e práticas à cultura brasileira e introduzir o português como língua principal para a comunicação em geral e para o discurso religioso, em particular.

Por outro lado, o processo de modernização que avançava rapidamente nos anos 50 assistiu ao crescimento destas novas religiões no Brasil. Se havia poucos opositores do processo de modernização em si mesmo entre os japoneses e seus descendentes, havia uma forte oposição aos seus efeitos sociais e econômicos, em especial quanto ao aumento da população urbana e dos crônicos subemprego e desemprego subseqüentes, principalmente em cidades como São Paulo e Rio de Janeiro (Vasques, 1988). As novas religiões japonesas, algumas das quais eram uma resposta aos adversos efeitos sociais e humanos da rápida modernização do Japão, adentraram este contexto e começaram a oferecer curas, sua característica mais interessante, uma ética para a vida cotidiana num ambiente competitivo e superpovoado, novas formas de comunidade, rituais de reforço dos laços familiares rompidos pela migração, aconselhamento sobre a criação de filhos no ambiente urbano e técnicas para enfrentar o estresse, ao mesmo tempo em que ofereciam preparar mentalmente as pessoas para que pudessem maximizar os benefícios a serem absorvidos

de um envolvimento total com a vida.

A Igreja Messiânica começou suas atividades no Brasil em 1955. Nos primeiros 15 anos seu crescimento foi pequeno e ela permaneceu uma religião pequena e étnica, composta quase inteiramente de japoneses ou brasileiros de origem japonesa. Então, pelo fim dos anos 60, começou a experimentar uma expansão fenomenal e se transformou numa religião multiétnica. À época em que escrevo, junho de 2000, o número de membros no Brasil é estimado em 350.000.²

No plano estratégico que a Igreja Messiânica tem para salvar o mundo, ao Brasil foi dado o papel de “conversor catalítico”. É convicção da liderança internacional que o Brasil, energizado e direcionado pelos ensinamentos da Igreja Messiânica, pelas construções do *Solo Sagrado* e da *Cidade da Nova Era*, por suas fazendas naturais e pelo desenvolvimento da rede de distribuição de alimentos organicamente produzidos já começou a funcionar para converter as pessoas: das atividades que envenenam o mundo, especialmente na área de produção alimentar e dos cuidados com a saúde, para aquelas que estejam conformes com as Leis da Natureza. Há o vaticínio de que, pelo ano 2002, o Brasil, transformado pelos ensinamentos e práticas da Igreja Messiânica, terá salvo o mundo da autodestruição e o terá introduzido numa vida harmoniosa e boa.

Os modelos de paraíso na Terra construídos no Brasil, acreditam, são exemplos tão convincentes do que é viver em conformidade com o ambiente natural que, eventualmente, cidadãos de todo o País vão exigir que os mesmos padrões e estilo de vida sejam garantidos pelo governo federal para todo o País. O próximo e final estágio da transformação do mundo começará quando, através do contato crescente, tornado não só possível, mas inevitável pela revolução global das comunicações e da tecnologia, esta demanda comece a se espalhar do Brasil para o resto do mundo. É assim, em essência, que a Igreja Messiânica entende sua missão global e o papel do Brasil na sua realização.

Uma missão de tão vasta escala exige da liderança que encontre novos esquemas para assegurar a manutenção da crença milenarista ativa e forte. Uma recente iniciativa com este propósito foi o lançamento da campanha “Flores para um mundo melhor” que consiste em fazer e distribuir uma flor para cada lar brasileiro até o fim do ano 2000. Milhões de flores já foram distribuídas. Mas o que quero focalizar a seguir são os dois grandes empreendimentos que a Igreja Messiânica tem no Brasil e a resposta a estas iniciativas por parte dos seus seguidores.

O modelo brasileiro do paraíso na Terra ou *Solo Sagrado*

O magnífico *Solo Sagrado* da Igreja Messiânica, em Guarapiranga, São Paulo, foi inaugurado em novembro de 1995. Este vasto complexo é, em grande parte, o resultado do trabalho de membros brasileiros que, aos milhares, ofereceram voluntariamente suas habilidades e seu labor, a partir de 1991, para construir o Solo Sagrado da Igreja Messiânica para a América Latina,

sobre 370.000 m² de terra, ao redor da represa de Gurarapiranga, que fornece água para a cidade de São Paulo.

Na construção do *Solo Sagrado* foram preservados os cinco lagos e as florestas naturais que fazem parte da Mata Atlântica, florestas que tiveram sua extensão aumentada pelo plantio de mais 4.000 árvores. Há abundância de flores e, entre as numerosas paisagens impactantes, estão os 10.000 m² plantados de azaléias. Há um sistema subterrâneo de irrigação que funciona controlado por computador, para preservar a qualidade da água e foram tomadas todas as medidas necessárias para assegurar que o sistema de esgotos não poluísse a represa. Nenhuma concessão foi feita a algo que pudesse obscurecer ou distrair a mente na contemplação dos jardins paisagísticos, perfeitamente elaborados e meticulosamente cuidados, ou da natureza dos arredores, que falam da vida no paraíso.

O desenho do templo principal e peça central do *Solo Sagrado* se baseia no de Stonehenge e fica no centro dos jardins num terreno elevado. A decisão de usar este modelo foi inspirada por uma fonte sobrenatural que, num sonho, informou ao presidente da Igreja Messiânica no Brasil, Reverendo Tetsuo Watanabe, este seu desejo. A escolha do modelo foi feita para demonstrar o exclusivismo da missão da Igreja Messiânica; ao escolher um símbolo diferente de qualquer outro associado às grandes religiões mundiais, a Igreja Messiânica no Brasil, explicou o presidente Watanabe, buscou uma forma tanto de expressar sua especificidade quanto de evitar rivalidades ou relações difíceis com aquelas religiões.³

De forma circular, o templo está apoiado sobre 16 pilares, cada um com 18m de altura, com uma peça central na forma de torre, de 71m de altura, que pode ser vista da avenida Paulista, no coração de São Paulo. A formação circular dos pilares esguios e sem adornos deste centro de adoração, com seu altar principal e dois laterais, um para a veneração dos ancestrais e outro para a de Meishu Sama (um termo de deferência usado para Mokichi Okada), não só se parece a um templo solar pré-cristão como está estruturado e posicionado de forma a assegurar o mesmo efeito que o solstício de inverno tem sobre Stonehenge.

O *Solo Sagrado* contém, também, outros e numerosos edifícios que servem como centro de *sangetsu*, a forma de arranjo floral que a Igreja Messiânica faz questão de qualificar como a forma especial, essencialmente natural e simples, e que foi desenvolvida por Mokichi Okada, bem como de caligrafia e de cerâmica. Os nomes das veredas e das áreas destinadas às assembléias também falam do paraíso na Terra: “caminho do paraíso”, as praças da paz, da harmonia, da amizade, da esperança, da felicidade e do amor. Tudo tem a finalidade de permitir que o indivíduo se sinta em harmonia com a Natureza e, com isto, cresça espiritualmente.

Ainda que a *Cidade da Nova Era* esteja só no estagio de projeto, o Presidente Watanabe, seu vice e alguns de seus conselheiros superiores se dedicam a planejar seu funcionamento.

ILHA

A vida cotidiana na Cidade da Nova Era

Diferente dos primeiros seguidores do mais radicais dos modernos movimentos milenaristas japoneses, *Omoto-kyo* ou a Grande Origem (Berthon, 1985; Groszos Ooms, 1992), com o qual, estou inclinado a crer, Mokichi Okada esteve associado em algum momento de sua trajetória, os habitantes da Cidade da Nova Era precisarão ser educados e estarão sujeitos a leis. Também diferente do que seria no paraíso terrestre visualizado pela *Omoto-kyo*, haverá economia monetária, um sistema bancário operando basicamente nos moldes tradicionais e as forças de mercado ditarão a política econômica. A família nuclear será o principal alicerce da vida social e moral. Haverá, no entanto, uma diferença fundamental entre a vida na *Cidade da Nova Era* e a vida tal qual é vivida no presente: não haverá doença, poluição, pobreza, necessidade material ou desarmonia.

Como foi mencionado anteriormente, a resposta da Igreja Messiânica ao mundo é, em certos aspectos, mais reformista do que milenarista ou revolucionária (Willson, 1970). Na *Cidade da Nova Era* tudo se dará conforme a letra da Lei, incluindo a provisão, a forma e o conteúdo da educação, da atividade política, dos negócios e da vida comercial, legal, etc. O movimento insiste em que a Nova Era não deverá ser realizada pela adesão à comunidade dos eleitos e abandono da sociedade a seu próprio destino, ou por ignorá-la ou por violar ou contornar a lei existente. É sua convicção, no entanto, que onde a lei atual é deficiente, a Lei Natural, por si só, triunfará.⁴

A política educacional da Igreja Messiânica é a de reformar o currículo vigente com a introdução de “matérias muito mais úteis”, tais como a Lei da Natureza e a Arte, mantendo as disciplinas existentes. Na área de saúde, a medicina alopática, centrada na doença e hoje a mais amplamente praticada, deverá ser respeitada. Os 400 doutores da Igreja Messiânica irão, simultaneamente, educar as pessoas para entender que a medicina eficaz não consiste em tomar remédios na forma de pílulas ou de outros tratamentos artificiais, mas em permitir ao organismo corporal que desenvolva e sare de acordo com a Lei da Natureza. Resfriados e outros males, todos aprenderão, são formas de purificação e, ao tomar remédios artificiais, o processo de cura fica impedido. Entre os membros, na prática, a ação mais recorrente para curas é a abordagem dual. Um ‘survey’ das práticas relacionadas à cura mostrou que quase todos os membros da Igreja Messiânica no Brasil usam o *johrei* para dar conta de uma ampla gama de doenças, da *influenza* ao câncer, e só um pouco mais de 50% usam o *johrei* para tratar de todas as doenças.⁵

A ação voluntária caracteriza a maneira de a Igreja Messiânica lidar com a política. Não haverá nenhuma tentativa de impor os programas políticos da *Cidade da Nova Era*. As regras democráticas serão seguidas. A esperança que o movimento tem, no entanto, é que o efeito da educação e do treinamento da Igreja seja o de inspirar as pessoas para escolher representantes no governo que sejam capazes de implementar políticas harmonizadas com a Lei da Natureza. A tolerância e a cooperação religiosas marcarão seus contatos com ou-

tras religiões. Ser intolerante e exclusivo seria, foi-nos explicado, autodestrutivo, pois é preciso que todos aprendam a viver dentro da Lei da Natureza.⁶

Mais do que qualquer outra característica, religiosa ou secular, é a política social da *Cidade da Nova Era* que distingue a Igreja Messiânica de outros movimentos milenaristas. Na essência de sua solução para os males sociais e morais da sociedade está a mudança do sistema de empréstimos bancários. A meta é persuadir o sistema bancário e as multinacionais a permitirem que os agricultores consigam crédito sem serem obrigados a comprar fertilizantes e agrotóxicos como parte das condições dos empréstimos. Para o movimento, esta condição tem tido um efeito destrutivo duplo, com conseqüências sociais desastrosas, por que, além de tornar o custo do empréstimo proibitivo, destrói o solo. Ela também causa débito e bancarrota e gera, no Brasil e em todo o mundo em desenvolvimento, as cidades superpovoadas, na medida em que agricultores pobres, sem meios financeiros para trabalhar a terra, a abandonam em números crescentes e migram para os centros urbanos. Esta é a raiz da criminalidade, meio ilegal de sobrevivência a que os migrantes e desempregados, em quantidades cada vez maiores, são obrigados a recorrer.

O idealismo da Igreja Messiânica está, a cada passo, temperado pelo realismo. Mesmo a vida no seu paraíso terrestre nunca será totalmente livre da pobreza e do crime, quaisquer que sejam os esquemas dos empréstimos bancários, e esta dura realidade torna necessário um sistema penal. A Igreja aceita que não haja uma maneira perfeita de punir crimes; a solução real e duradoura está na reforma do criminoso, com a criação de um ambiente no qual ele ou ela seja capaz tanto de receber quanto de oferecer amor e gratidão.

Muito do pensamento da Igreja Messiânica sobre questões educacionais, econômicas e sociais são familiares. Por exemplo, deverá haver competição em todos os níveis da sociedade, uma vez que, na sua concepção, a competição é natural. Também haverá rendimentos pessoais diferenciais e homens e mulheres terão papéis específicos a desempenhar. Basicamente, o homem será o provedor e a mulher a nutriz, com responsabilidade na esfera doméstica.

O detalhamento das políticas e do esquema administrativo da *Cidade da Nova Era* ainda estão por ser formulados. É recorrente nos milenarismos a formulação de uma visão geral do mundo perfeito que possa ser simbolizada e expressa facilmente através de objetos naturais – flores, água, plantas, arbustos e árvores, e através das artes, em vez da formulação de um plano detalhado de ação. Traduzir seu sonho para a prática significaria introduzir regras, burocracia e outras medidas “profanas” que engendrariam rotina e esvaziariam o formalismo.

A legitimação espiritual do Paraíso na Terra

A interpretação que a Igreja Messiânica faz da reencarnação e sua teoria do progresso tornam essencial que o paraíso seja construído na Terra. O movimento explica que o avanço espiritual é a sua meta mais alta e que ele continua, de uma vida para outra, seja esta vida localizada no reino espiritual

ou na Terra. No entanto, para que este progresso se dê, nos repetidos retornos do reino espiritual para a Terra, como ensina a doutrina da reencarnação ser o destino de todos, as condições aqui tem de ser favoráveis e isto significa ser necessário transformar o mundo, torná-lo um paraíso. Esta linha de pensamento tem propiciado as advertências caras ao Presidente da Igreja Messiânica no Brasil: “Se não criarmos um paraíso aqui, será como retornar ao inferno.”⁷ Mais ainda, as condições da vida aqui na Terra têm impactos sobre a vida espiritual no céu, reforçando a crença de que não há alternativa ao Paraíso na Terra:

*As pessoas vivem no céu como na Terra; o Paraíso não é simplesmente um lugar onde se canta e dorme, mas onde vivemos a Lei da Natureza com felicidade e sem sofrimento.*⁸

A resposta brasileira à visão milenarista da Igreja Messiânica

O foco desta reflexão se dirige, agora, à consideração das esperanças, crenças e disposições dos membros brasileiros “comuns” (os membros em geral) da Igreja Messiânica na Bahia, Nordeste brasileiro, e em São Paulo, Sul do País, onde reside a maior parte dos pertencentes à Igreja e onde há um maior número destes que são de origem japonesa. No Nordeste do Brasil como um todo e incluindo Belém, no Estado do Pará, estima-se que a Igreja Messiânica tenha 20.000 membros ativos e, excetuando-se vários pastores, não mais do que cem são japoneses ou de origem japonesa.

Apesar de ter uma clientela relativamente carente, especialmente no Nordeste do País, as condições materiais e o cenário socioeconômico dos milenaristas da Igreja Messiânica guardam pouca semelhança com os dos milenaristas da Europa Medieval descritos por Cohn: “(...)camponeses sem terra ou com terra insuficiente para a subsistência; jornaleiros e trabalhadores não especializados vivendo sob constante ameaça de desemprego; mendigos e vagabundos – na verdade oriundos desta massa amorfa que, não somente pobre, não podia encontrar lugar seguro e reconhecido na sociedade”(Cohn, 1970:282).

Há uma considerável diversidade de atitude e opinião entre os membros “comuns” da Igreja Messiânica, que depende de seu background, da idade, do tempo que integram o movimento, de circunstâncias pessoais e outras variáveis sociais, econômicas e psicológicas. Não só há diversidade de crença entre os membros, mas suas opiniões e atitudes tendem a mudar com o tempo. Entrevistas feitas com a mesma pessoa em diferentes períodos de tempo mostram desenvolvimento ou alteração na compreensão que aquela pessoa tem da crença milenarista.

Apesar destas diferenças e variações, há dois tipos principais de seguidores. Primeiro, a minoria que professa se ater a padrões absolutos; para quem a linha divisória entre o bem e o mal está perfeitamente clara, cuja esperança inabalável na vinda de um novo mundo lhes permite dispensar muito do senso prático e, como eles as vêem, das limitações impostas pela lógica e pela

razão. E há a maioria, mais disposta ao compromisso, para quem uma atitude “gradualista” é uma virtude e não um sinal de falta de fé e que não está super preocupada com a definição de tempos para os acontecimentos.

A maioria dos membros da Igreja Messiânica no Brasil não parece, se nos pautarmos pela literatura acadêmica sobre o assunto, ser feita da mesma matéria-prima que outros milenaristas. Há poucos, se houver, visionários idealistas e de olhos iluminados. Mais ainda, há quase nada na história cultural religiosa ou espiritual das pessoas que possa explicar seu envolvimento tardio num movimento intensamente milenarista. Antes de pertencer à Igreja Messiânica, a maior parte dos que responderam ao levantamento, 60%, tinha sido católica; alguns, ao redor de 15%, tinham sido ou protestantes ou espíritas e 25% não tinham pertencido ou participado de nenhuma religião.⁹

Os membros da Igreja Messiânica com origem no cristianismo parecem ter sido ignorantes ou insensíveis às idéias apocalípticas ou às profecias sobre o fim do mundo, tais como as de Nostradamus, que, em diferentes momentos, fizeram parte importante do pensamento e das estratégias de recrutamento de várias religiões japonesas, tais como *Kofuki* e *Kagaku*, *Angorshu* e *Aum Shinikyo* (Kisala, 1998:143-157). Mais ainda, só uma pequena minoria expressou qualquer interesse em astrologia, “canalização”¹⁰, adivinhação, experiências fora do corpo ou próximas da morte, ou ufologia. Em relação às religiões alternativas, de novo só uma minoria disse ter estado envolvida com elas. Para estes, o espiritismo era a alternativa mais freqüente, havendo pouco interesse nas religiões afrobrasileiras. Poucos haviam testado formas alternativas de medicina, exceto a homeopatia, praticada por aproximadamente 20% deles.

Uma característica da maioria dos membros era ter desenvolvido, antes de seu ingresso na Igreja Messiânica, um interesse pelas coisas japonesas, principalmente por artes marciais, arranjos florais e pela cozinha. Assim, as origens japonesas do movimento foram importantes para uma maioria, especialmente para os membros de São Paulo e da Bahia. As razões dadas variaram, mas a maior parte se baseou na idéia de que o Japão era privilegiado em termos geográficos, históricos e espirituais. Também, freqüentemente expressa foi a idéia de que os japoneses tinham os atributos pessoais necessários para transmitir a mensagem divina para a era atual e para estabelecer, de forma eficiente, as estruturas necessárias à implementação desta era por todo o mundo. Os membros falaram do Japão como sendo mais espiritual do que o Brasil, falaram de sua localização geográfica no Leste como um arranjo divino que o tornava um “canal de luz” para o mundo como um todo e como tendo sido escolhido por Deus para realizar esta missão especial.¹¹

De início, a atração mais forte para a maioria foi o *jobrei* ou cura espiritual. A maior parte tomou conhecimento do *jobrei* através de um amigo, de alguém da família ou de um conhecido, nesta ordem. No entanto, como tem-se visto em muitos casos, o que primeiro atrai um indivíduo para um movimento não necessariamente permanece como sua motivação principal. E nos casos em que este apelo inicial é a recompensa física, um processo de

espiritualização tende a ocorrer. Por isto, a cura acaba sendo explicada, essencialmente, por uma relação com o “interior”, com a vida espiritual e com o desenvolvimento da pessoa; pois, como repete a Igreja Messiânica, o propósito do ritual não é o de melhoramentos externos, do estado físico da pessoa. A nova religião japonesa, *Mabikari*, por exemplo, agora estabeleceu como condição para o recebimento do *Okyome*, um ritual de cura semelhante mas mais complexo que o *johrei*, que, antes, o cliente seja posto ao par de seu significado espiritual e suas finalidades, por alguém competente. A Igreja Messiânica, por contraste, continua a buscar alguma forma de melhora completa, inclusive física, com o *johrei* e continua a patrocinar pesquisas médicas sobre os seus efeitos, inclusive pesquisa sobre os seus efeitos no sistema imunológico relativo ao câncer. Apesar de perceberem os efeitos do *johrei* num sentido predominantemente espiritual, os membros da Igreja Messiânica não questionam seu poder de cura física.

A diversidade foi uma característica das opiniões expressas sobre a forma e o conteúdo do paraíso na Terra. Perguntada sobre o que entendia pela idéia de paraíso terrestre, uma participante de trinta e poucos anos, um filho, que combina sua profissão de terapeuta ocupacional com seu papel de ministra assistente no movimento, enfatizou que o paraíso na Terra começava dentro de cada indivíduo por que “Deus só trabalha através dos indivíduos”¹². Ela comentou o que vê como a situação moral e social do Brasil, e no mundo em geral, em constante declínio

*O mundo está ficando pior cada dia; há mais doença, mais conflito todo o dia. É mais animal do que humano e muito longe de Deus. Afastou-se do caminho da verdade por causa do materialismo e egoísmo. Não podemos andar pelas ruas à noite, com medo de sermos assaltados; estamos cheios de remédios que não curam e nossa comida está envenenada com substâncias agrotóxicas. O mundo é como um teatro onde cada um tem um papel, uma função específica e uma missão. Eu vivo porque sou parte do plano de Deus para construir um novo mundo.*¹³

Apesar de os entrevistados não terem tido sua vida marcada por situações de grande pobreza, eles, ainda assim, se sentiam como vítimas dela. Alguns falaram que a paz de espírito, a felicidade e o senso de integridade de cada um estariam diminuídos e até ameaçados, se a pobreza e o estado de privação da maioria se alastrassem. Havia considerável pessimismo, em geral, entre os membros comuns, sobre o estado atual do mundo. Só 2% o descreveram como “muito bom”, ao passo que uns 10% o qualificaram “bom”. A metade considerou-o “razoável”, dando à palavra o significado de “apenas tolerável”. 17% consideraram-no ruim e 19%, muito ruim.¹⁴

As mulheres, que perfaziam 78% dos que responderam a esta questão sobre o estado atual do mundo, foram, na média, mais pessimistas que os homens e os mais jovens. Aqueles abaixo de 19 anos e na faixa entre 20-29 anos foram mais pessimistas do que os dos quatro grupos de idade maior: 30-

39; 40-49; 50-59 e acima de 60. Estes formaram a maior parte dos 17% que consideravam ruim o estado atual do mundo e a maioria dos 19% que consideravam muito ruim.¹⁵ Os pessimistas sobre este assunto e os que consideravam o mundo atual meramente tolerável, ruim ou muito ruim, foram quase unânimes ao atribuir esta situação ao egoísmo, dando-o como a principal razão para a fome desesperada, o sofrimento, a violência e, sobretudo, para a pobreza, fatores que tornavam impossível que tantos seres humanos vivessem com dignidade e respeito por si mesmos.

Pobreza é um termo complexo para a Igreja Messiânica e necessita ser desdobrado. O tipo de pobreza que mais provavelmente está na origem dos milenarismos é a pobreza estrutural que, como explica Iliffe (1987:4-5) é massiva em termos de escala, de longo prazo e é – ou é percebida como sendo – ocasionada por fatores completamente fora do controle dos afligidos por ela, tais como falta de acesso a terras férteis ou a empregos, ou, ainda, à fragilização, seja física, emocional ou intelectual. Mais que isto, há poucas redes de salvamento disponíveis para aqueles encurralados neste tipo de pobreza, uma vez que sua engenhosidade e seus recursos emocionais e físicos tenham se esgotado na tentativa de combatê-la. Em contraste, a pobreza conjuntural (Iliffe, op.cit:6) é aquela que afeta aqueles ordinariamente auto-suficientes. É temporária e trazida por uma ou outra crise claramente identificável como crise, tal como bancarrota, terremoto, fome ou guerra.

A sensação de que o Brasil e o mundo em desenvolvimento estão sobrecarregados e dominados pela pobreza estrutural, uma carga para a qual ninguém parece ter uma solução ou estar disposto a procurá-la, nacional e internacionalmente, é moeda corrente entre os membros comuns da Igreja Messiânica. No entanto, eles expressam a esperança de que isto possa ser superado, porque sabem que o Japão, no pós-Guerra, esteve em situação semelhante e conseguiu triunfar sobre a devastação total, por força do seu caráter e de uma elevada consciência espiritual.

Apesar de os membros comuns da Igreja Messiânica estarem convencidos de que os remédios espirituais são os meios mais poderosos para resolver as questões relativas à pobreza estrutural, eles não se limitam a eles. Uma expressiva maioria acredita que a ação política tem um papel a desempenhar na mudança do mundo para melhor, ainda que acredite que ela não possa ser efetiva sozinha. Combinada com um aumento de consciência espiritual, poderia fazer uma contribuição útil. Um terço dos que responderam aos questionários valorizaram também a contribuição que a ciência e a tecnologia podem fazer para a construção do paraíso na Terra¹⁶. E, ao mesmo tempo em que demonstram se dar conta dos limites da tecnologia, mais do que a metade dos entrevistados colocaram-na em segundo lugar, depois da consciência espiritual, como o meio mais efetivo de mudar o mundo.¹⁷ Da mesma forma que a noção de pobreza, também a de consciência espiritual precisa ser desdobrada. Para a maioria dos membros a idéia de aperfeiçoamento individual é central para sua compreensão de espiritualidade e de progresso espiritual. O

aperfeiçoamento é uma idéia que extrapola dos limites do indivíduo, porque vai na direção do cultivo de um comportamento altruísta, desprovido de egoísmo.¹⁸

Fica claro, portanto, que a Igreja Messiânica não se apresenta como uma alternativa à política, no contexto brasileiro, nem mesmo num sentido simbólico. Não é tanto o fracasso da política quanto o desejo de uma abordagem mais integrada e completa no tratamento dos problemas de natureza pessoal e social que atrai recrutas para este movimento. A convicção de que a resolução da maior parte das questões de ordem econômica, moral, política e social estão para além do alcance e da competência de uma única filosofia ou instituição é bem difundida. Há uma insatisfação com a recente compartimentalização da medicina, da ciência, da política, cujos processos de diferenciação são vistos como intermináveis e fragmentadores, e há a visão geral entre os membros de que os movimentos políticos precisam recorrer a mais do que simples idéias e métodos seculares se quiserem trazer soluções apropriadas para as complexas questões do mundo contemporâneo.

Da mesma forma que as outras novas religiões japonesas no Brasil e no exterior, a Igreja Messiânica não se definiu por um apelo setorial, seja aos marginalizados e aos submetidos a privação material, aos deslocados ou ao campesinato ou ao proletariado urbano. Ainda que sua composição tenha origem, principalmente, na classe média, a Igreja Messiânica e as novas religiões japonesas em geral não demonstram o radicalismo político que, no contexto brasileiro e de outros países, se vê em movimentos outros, tais como a Teologia da Libertação. Suas preocupações com o bem-estar social não são tão desenvolvidas quanto outras que requerem algum grau de disponibilidade de tempo e segurança financeira. A Igreja Messiânica não tem grande presença em áreas onde os pobres ou destituídos são mais encontrados. Isto não deve sugerir que os pobres sejam propositadamente excluídos ou deixados de lado; há programas para escolas em áreas rurais, para ensinar técnicas agrícolas e, recentemente, missionários brasileiros estabeleceram centros na Angola devastada pela guerra.

Conclusões

Num nível mais geral, o milenarismo funciona como uma ideologia de mudança que envolve e se desenvolve como resposta às concepções variáveis não só sobre as necessidades humanas, mas sobre as aspirações, desejos e esperanças. Enquanto algumas das preocupações milenaristas são, como nos mostra a história, duradouras – como a busca da autenticidade, da igualdade, da harmonia, do trabalho significativo e de um mundo livre de doença e de carências humanas, por exemplo –, outras são transitórias e passageiras. Os sonhos utópicos de uma época ou geração tendem a tornar-se aspirações de lugar comum e as expectativas da próxima.

Exemplos desta evolução da crença milenarista podem ser encontrados em todas as sociedades onde o milenarismo tem sido forte. Tomando o

Ocidente como um caso, podemos ver como, com o crescimento da afluência material, os movimentos milenaristas nesta parte do mundo se tornaram muito mais centrados na auto-realização através da maximização das capacidades dos indivíduos, sejam intelectuais, estéticas ou sexuais, enquanto que há um século a ênfase era sobre valores coletivos, a conservação da tradição e a satisfação das necessidades materiais e físicas. Esta passagem para o desenvolvimento do eu interior, um eu interior divinizado, pode ser vista em movimentos milenaristas contemporâneos como a Fundação Rajneesh e está encapsulada na “intenção” da Ordem Sufi no Ocidente, *Pir Vilayat Inayat Khan*, que, de forma otimista, nos assegura: “Podemos construir um mundo maravilhoso e podemos nos tornar todos ‘beautiful people’ – mais que isto, devemos fazê-lo. E o faremos” (Jervis, 1998:245).

Como vimos nesta apresentação da Igreja Messiânica no Brasil, para os milenaristas a crença na iminência do paraíso terrestre não consiste simplesmente de um desejo de progresso material e realizações pessoais, mas também de “regeneração” espiritual e moral, valorizada como o maior recurso e o meio mais eficiente que os indivíduos, as comunidades, as nações dispõem para realizar mudanças fundamentais. Na perspectiva dos milenarismos em geral e do aqui discutido, deixar a transformação do mundo para as estratégias e ideologias políticas seria um desvio, uma vez que elas dependem, para sua eficácia, de estarem imbuídas de poder moral e espiritual. Ontologicamente, o moral e o espiritual existem num nível de realidade que é indestrutível e funcionam efetivamente como formas de psicologia individual e social, constituindo fontes de verdade e explicações permanentemente válidas sobre o destino, sobre as relações humanas e sobre os essenciais da felicidade humana.

Referências bibliográficas

- BERTHON, Jean-Pierre. . Esperance millenariste d'une nouvelle religion Japonaise, Paris: Cahiers d'études et de documents sur les religions du Japon, No.6, 1985, Atelier Alpha Bleu.
- BLACKER, C. 'Millenarian Aspects of the New Religions in Japan', in Tradition and Modernisation in Japanese Culture, D.H.Shively (ed), Princeton: Princeton University Press, 1971.
- BLACKER, C. The Catalpa Bow, London: George Allen and Unwin Ltd, pp.563-600, 1976.
- CLARKE, P.B. The Cultural Impact of New Religions in Latin and Central America and the Caribbean with Special Reference to Japanese New Religions' in Journal of Latin American. Cultural Studies, Vol.4. No 1 pp. 117-126, 1995.
- COHN, N. The Pursuit of the Millennium. London: Paladin, 1970.
- COHN, N. Cosmos, Chaos and the World to Come. The Ancient Roots of Apocalyptic Faith, New Haven and London: Yale University Press, 1993.
- GROSZOS OOMS, E. Women and Millenarian Protest in Meiji Japan. Nao Deguchi and Omotokyo, Ithaca, New York: Cornell University East Asia Program, 1993.
- HANDA, T. Memórias De Um Imigrante Japonês No Brasil. Sao Paulo: T.A. Queiroz, Editora, Centro De Estudos Nipo-Brasileiros, 1980..
- ILIFFE, J. The African Poor. a history, Cambridge: Cambridge University Press, 1987..

- JERVIS, J. 'The Sufi Order in the West and Pir Vilayat 'Inayat Khan: Space-Age Spirituality in Contemporary Euro-America' in Peter B Clarke (ed), *New Trends and Developments in the World of Islam*, London: Luzac Oriental, pp. 211-261, 1998.
- KISALA, R. 1999 and Beyond: The Use of Nostradamus' Prophecies by Japanese New Religions, in *Japanese Religions* Vol.23 Nos 1&2, 1998.
- OKADA, M. *In Service to Man*. Atami-shi: M. Okada International Association, 1980.
- OKADA, M. *Foundations of Paradise*. Church of World Messianity, USA, 1984..
- SHIMAZONO, S. 'The Development of Millenaristic Thought in Japan's New Religions: From Tenrikyo to Honmichi' in J.Beckford (ed) *New Religious Movements and Rapid Social Change*, London: Sage Publications, pp. 55-86, 1986..
- SHIMAZONO, S. *In the Wake of Aum: The Formation and Transformation of a Universe of Belief* in *Japanese Journal of Religious Studies*, Vol.22, Nos 3-4, pp. 381-415, 1995.
- SMITH, R 'The Ethnic Japanese in Brazil' in *The Journal of Japanese Studies*, Vol.5 No.1 pp. 53-70, (1978),
- SUZUKI, T, *The Japanese Immigrant in Brazil*, (Vol.2), Tokyo: Tokyo University Press, (1969).
- VASQUEZ, M. *The Brazilian Popular Church and the Crisis of Modernity*, Cambridge: Cambridge University Press, (1998).
- WILSON, B.R. *Religious Sects*, London: Weidenfeld and Nicolson, (1970).
- WORSLEY, P. *The Trumpet Shall Sound*, St. Albans: Paladin, (1970).

Notas

¹Entrevista em 5/9/1996, na sede central da Igreja Messiânica, com o Reverendo Watanabe, Vice-presidente do Sekai Kyusei Kyo e Presidente da Igreja Messiânica no Brasil, e com vários membros "senior" do movimento (daqui em diante referida como Entr., Sede IM do Brasil, 5.9.96).

²Entrevista em Atami, 29.4.1998, com membros do Departamento Internacional do Sekai Kyusei Kyo.

³Entr. Sede IM do Brasil, 5.9.96.

⁴Entrevista em Atami, com o Rev. Watanabe, em 12.4.97.

⁵Estas informações são derivadas de questionários respondidos por membros brasileiros da I.Messiânica em São Paulo e na Bahia, durante agosto e setembro de 1996 e 1997 (daqui para frente referidos como Questionários). Dos 60 questionários entregues, 55 foram respondidos. Agradeço ao reverendo Eduardo Takama, da Igreja Messiânica de São Paulo, que muito gentilmente me auxiliou nesta parte da pesquisa e de muitas outras formas.

⁶Ibid.

⁷Entrevista, Sede I.M. do Brasil, set.1996.

⁸Ibid.

⁹Questionários.

¹⁰Há vários sentidos para "canalização", como o termo "new age" tem sido usado para expressar o acesso ou a comunicação com a inteligência desencarnada ou outras dimensões da consciência. Na sua forma contemporânea, é derivado dos movimentos ufológicos e é usado no lugar de mediunidade para evitar conotações pejorativas às vezes associadas a esta última. É comumente usado pela Igreja Messiânica como parte do ritual do johrei.

¹¹Ibid.

¹²Entrev., em 20.8.1997, Fazenda Garcia, Bahia.

¹³Ibid.

¹⁴Questionários, set.1996.

¹⁵Ibid.

¹⁶Ibid.

¹⁷Ibid.

¹⁸Ibid.